



**IHL - INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS**

**GUSTAVO LEMOS**

**AS CORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL:** um  
estudo de caso sobre as relações étnico-raciais  
entre crianças na escola pública.

Acarape (CE)

2017.1

GUSTAVO LEMOS

**AS CORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL:** um estudo de caso sobre as relações étnico-raciais entre crianças em escola pública.

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção da aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora: **Profa. Dra. Caroline Farias Leal Mendonça.**

Acarape (CE)

2017.1

GUSTAVO LEMOS

AS CORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: um estudo de caso sobre as relações  
étnico-raciais entre crianças em escola pública.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado na Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-brasileira,  
como exigência para a obtenção parcial do  
título de Bacharel em Humanidades.

Data de Aprovação: Acarape - CE, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Caroline Farias Leal Mendonça, Dra.

(Orientadora - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira).

---

Leandro Proença, Avaliador, Dr.

(Membro 1 - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira).

---

Elisabete Mônica Moreira Faria, Avaliadora, Dra.

(Membro 2 - Investigadora Integrada no Lab2PT/Universidade do Minho/Portugal)

*Dedico a Deus pelo dom da vida e a permissão deste momento, aos meus familiares, pelo apoio nessa jornada vitoriosa. Dedico a minha mãe pelo apoio, incentivo e exemplo de vida. A minha orientadora, e aos meus colegas que estiveram comigo durante esse período. Muito obrigado a todos!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida, por me ajudar sempre dando-me força, sendo minha luz ao trilhar meus caminhos, proporcionado minha chegada até aqui.

Aos meus familiares pelo apoio moral e incentivo a me dedicar-se sempre mais e mais em meus estudos, sem falar da paciência e contribuição diariamente para que a minha jornada se tornasse menos complicada. Em especial a minha mãe, mulher guerreira, o ser mais batalhador que conheço e tenho o maior orgulho do mundo em ser seu filho.

Aos meus amigos que sempre estiveram ao meu lado durante este duro percurso, me dando palavras de ânimo e incentivo.

A cada um dos professores que tive, sem exceções, que pra mim tiveram sua parcela de contribuição nesta construção, até que por mais sutil que fosse, mas passaram por minha vida ao longo deste percurso, apesar de ter minhas birras, sou maduro ao ponto de reconhecer que tudo que passei me proporcionaria o melhor aprendizado possível.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dra. Caroline Farias Leal Mendonça, que apesar de não termos muita história juntos nunca mediu esforços para que eu realizasse o melhor trabalho do mundo, sou grato por você valorizar todas minhas ideias e posicionamentos cumprindo um exemplar papel de facilitadora, os meus mais sinceros estimos e agradecimentos.

À UNILAB, pela integração que a mesma me proporcionou, pelas ferramentas utilizadas que me permitiram chegar hoje ao final deste ciclo.

## SUMÁRIO

1 TEMA.....	7
1.1 Delimitação do Tema.....	7
2 OBJETIVO(S).....	7
2.1 Objetivos Específicos.....	7
3 PROBLEMA(S).....	7
4 HIPÓTESE(S).....	7
5 JUSTIFICATIVA.....	8
6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / REVISÃO DE LITERATURA.....	11
7 METODOLOGIA.....	17
8 CRONOGRAMA.....	21
8.1 CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DA PESQUISA.....	21
9 REFERÊNCIA / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23
10 APÊNDICES E ANEXOS.....	25
10.1 Anexo A.....	25
10.2 Anexo B.....	26
10.3 Anexo C.....	27

## 1 TEMA

As cores da educação infantil: um estudo de caso sobre as relações étnico-raciais entre crianças em escola pública.

### 1.1 Delimitação do Tema

As contribuições da Antropologia da educação para as relações étnico raciais na formação discente, os desafios para a Educação, para a diversidade na escola.

## 2 OBJETIVO GERAL

Identificar e analisar as relações étnicas existentes dentro da sala de aula, à luz da Antropologia da Educação.

### 2.1 Objetivos Específicos

- Identificar e compreender o processo de aprendizado de crianças na educação infantil para a educação das relações étnico-raciais através do olhar da criança;
- Analisar as possíveis contribuições da Antropologia da Educação na formação docente para os temas da pluralidade cultural, racial e étnica e ao combate ao racismo;
- Analisar como o processo de formação docente nas temáticas influenciam na formação do discente da educação infantil.

## 3 PROBLEMA(S)

Como as crianças aprendem e o que aprendem sobre as relações raciais, étnicas e culturais na escola? Quais as contribuições da Antropologia da educação para as relações étnico raciais na formação discente, os desafios para a Educação, para a diversidade na escola?

## 4 HIPÓTESE(S)

Este trabalho pode contribuir para a desmistificação de todas e quaisquer ideias e possibilidades primárias sobre a relação da Antropologia com a Educação. Eventuais contribuições que podem ajudar a identificar pontos essenciais que colaboram no crescimento e na formação dos discentes. Isso tudo, sendo analisado dentro do meio escolar, logo na educação infantil.

Pode-se também observar e descrever modelos pedagógicos utilizados para ajudar na formação do discente, que podem ser diferenciados ou não, mas que tenham seu papel de facilitador do aprendizado e de condutas. Possíveis contribuições da área antropológica sendo transmitidas pelo formato educativo, no espaço escolar, e principalmente na educação infantil, podem trazer inúmeras possibilidades, e uma das primordiais seria a criança crescendo, conhecendo, interagindo e respeitando as diferenças dos seus semelhantes.

A diáspora da identidade racial vem sendo um dos principais temas abordados na atualidade, as redes e os meios de comunicação e informação, a todo o momento, nos mostram relatos de atitudes mesquinhas, gestos absurdos e de práticas extremamente preconceituosas sobre o assunto no nosso cotidiano.

Muitos indivíduos tratam esse tema como um problema de pouca relevância, mas se olhado e observado de forma correta e até mesmo de forma crítica ele pode ser uma via de saída para o melhoramento do ser humano, pois quando se usa a Antropologia com o apoio da educação ela se torna o principal contribuidor para uma ação de construção e evolução, tanto na construção de seres humanos melhores, quanto posteriormente em uma nação melhor. E possivelmente, este problema já infectou boa parte de toda a humanidade, portanto o que nos é viável não seria uma tentativa de conscientizar e educar os já “mal educados”, e sim implantar e instruir os que ainda estão sendo educados. Uma criança bem direcionada e bem instruída é capaz de romper barreiras, e mudar o rumo da nação.

## 5 JUSTIFICATIVA

A desigualdade faz parte do nosso cotidiano, ela é encontrada no meio da rua, nas nossas casas, na sociedade. O mundo vive em um processo de evolução, as coisas mudam, as pessoas mudam, a sociedade muda, e a partir destas mudanças percebemos que os seres humanos foram se enchendo de uma série de hábitos preconceituosos, hábitos esses que já eram pra terem sido esquecidos com a evolução e o acesso à informação, por exemplo.

Seres humanos até hoje ainda são discriminados pela sua cor de pele ou raça, por sua descendência africana ou europeia. A diferença ou ser diferente nos dias de hoje causa certo estranhamento nas pessoas, e isso já era pra ser tratado de forma natural, ninguém pode ou tem necessidade de ser igual a ninguém. Até hoje a temática da diferença é muito complexa em nosso mundo viciado, aqui me refiro ao vício de copiar uns aos outros, de fazermos e termos as mesmas atitudes de outras pessoas. Devemos ter cuidado com isso. Muitas de nossas práticas não são baseadas naquilo que refletimos e achamos certo, mas sim no que nos

é imposto, da forma que fomos criados, regrados, não esquecendo que às vezes crescemos até sem o direito a ter nossas próprias percepções e opiniões.

Vivemos baseados em um sonho de um mundo diferente, onde continue existindo cada indivíduo com suas individualidades, mas que exista uma visão sobre o que diz respeito a sermos seres humanos. A mídia por todos os lados quer nos conscientizar que a via de solução do mundo é a via da Educação, e quando percebemos e refletimos que o nosso futuro são as crianças, nada melhor do que começarmos esta transformação para um mundo melhor por elas mesmas.

A criança tem seu formato de vida livre. É muito belo e intenso o formato de olhar de uma criança, o modo despojado e sincero de suas atitudes e palavras. Sua alegria, seu modo lúdico de enxergar o mundo, sua espontaneidade e o seu modo sem compromisso podem aparentemente dizer que não seria viável a aplicação deste método pelas crianças, mas este modo de viver delas faz parte de um período do processo do ciclo da vida, onde logo se integra o seu processo educacional.

Aos nossos olhos a forma de aprender das crianças é meio sem regras, meio até desorganizado, mas numerosas pesquisas concluem que essa forma de aprendizagem quando é acompanhada e direcionada obedecendo a rigorosos esquemas de construção e transmissão de saberes, ela nos dá como retorno belos resultados.

A contribuição da Antropologia para Educação Infantil vem de quando percebemos a interação incondicional da criança, de como o ser criança nos dá à oportunidade de sermos magnânimos, ou seja, da grandeza em ter gentileza na alma. As crianças nos concedem a observação do modo como ela vive no cotidiano, o modo como ela se coloca no mundo e como ela lida com a diferença do mundo que vive. Ela nos chama atenção pela maneira que vive brincando, ela se situa no mundo como ser criativo e com constantes mudanças, interage com as coisas, com os adultos e outras crianças, em uma situação lúdica e sincrônica.

O brincar não é uma característica exclusiva da criança, mas para as crianças o brincar é a forma mais bela e fácil de conhecer o mundo à sua volta e atuar nele, elas conhecem os adultos próximos e buscam se encaixar no seu mundo mobilizando suas capacidades e sinceridades operando os recursos que lhes são mais acessíveis, o brincar. As crianças levam muito mais tempo para crescer e para se tornarem autônomos, autossuficientes e para elas o brincar vai além do propósito biogênico de exercitar para desenvolver habilidades e tornar-se apto a prover seu próprio sustento, a sobreviver por sua própria conta, mas pode-se perceber que em muitas situações o brincar é fundamental à transição natural para a cultura.

A criança cria, recria, vive situações imaginárias em que atende certas necessidades e vontades, podemos ver isso pelos jogos e no “faz de conta” (brincadeira infantil, que usa

completamente seu imaginário, transformando todos seus desejos em realidade no seu imaginário). O modo de brincar das crianças pode partir de uma conversa sobre coisas e pessoas perto delas, pode simbolizar algo ou não, pode significar para ela, mas também pode não ter outro propósito além da visão do jogo pelo jogo. Fazem parte dos componentes principais da cultura infantil o brinquedo, a brincadeira, o jogo e a ação lúdica. Os brinquedos podem representar coisas, animais, pessoas concretamente observáveis no mundo real, permitindo sua evocação.

O jogo sob a ótica antropológica proporciona uma ideia que emerge de uma relação instantânea, casual, como forma de comunicação igualmente casual e espontânea, sem nenhum outro sentido. Mediante ao jogo, percebe uma contribuição para a criança se preparar para a vida adulta, aprendendo o valor das regras, aprendendo a cooperar, a competir, a liderar e a fortalecer-se na ação, findando um crescimento pessoal. A arte tem o poder de síntese extraordinária, constrói na criança uma forma sensível de se envolver no que vê, ouve, lê ou toca.

Na brincadeira o que a criança constrói são pontes entre o concreto e o abstrato do objeto e a representação entre a experiência e a imaginação, entre o aparecido e o escondido. A cultura infantil é uma cultura mais ampla e imensa, podemos intitulá-la como uma área específica da cultura, que implica em um modo específico da socialização da criança.

Deste modo, findam em incorporar o que se quer transmitir nas crianças, estabelecendo no modo de educar uma construção da educação da criança, onde entram uma série de fatores e características que influenciarão e contribuirão na base e na índole de cada uma delas, podemos até ousar em dizer que suas referências além de virem dos seus pais, professores ou mestres poderão vir também de contribuições que a Antropologia pode proporcionar, assim ajudando mais e mais a encaminhar sua visão da consciência igualitária das diferenças humanas.

Enfim, toda moldagem é válida ao que se trata de uma transformação melhorada do mundo onde vivemos. Toda e qualquer forma que estabeleça a igualdade entre os humanos deve ser considerada, observada e até mesmo trabalhada, se tiver com um olhar direcionado e focado para o nosso propósito maior, a igualdade de direitos. Este propósito deve ser levado em conta até ser solucionado, pois ele vem de dentro de nós, ele vem do formato de se ver a vida que nos é ensinado, indiretamente ou não, pelo mundo ao nosso redor.

Logo, este trabalho traz consigo um demonstrativo de eventuais contribuições que a Antropologia junto a Educação pode possibilitar. Ele acha e indica que uma destas contribuições que ajudaria a solucionar o problema da desigualdade de raças seria através da Antropologia, aplicada logo no início do ciclo educacional, na Educação Infantil, com as

crianças. Contribuições sempre serão válidas se forem regradas e cheias de boas intenções. Isso ocasiona o direcionamento para uma análise consistente de pontos positivos que podem servir de ajuda para uma análise dos fatores que ajudam a crescer e abrilhantar os valores individuais de cada ser vivo, inclusive das crianças.

## 6 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA / REVISÃO DE LITERATURA

A sociedade de hoje, vem passando por inúmeras controversas do que é dito como certo ou errado. Nossas vidas são repletas de barreiras que devem ser quebradas, de obstáculos que devemos ultrapassar. O mundo anda muito sujo, cheio de vícios, de manias feias que denegrem mais e mais a nossa imagem, a nossa posição de ser humano, de ser pensante, temos essas percepções por tudo que vemos a nossa volta, como a mentira, os desrespeitos às leis, a vida humana, não podendo esquecer a luta excessiva pelo poder, etc. As noções de raças e etnias cada vez mais vêm sendo esplanadas nos dias de hoje, isso vem crescendo no decorrer dos anos através da imensa diversificação de raças, etnias e miscigenações que encontramos em toda a nossa volta. As peculiaridades do outro são inumeradas, curiosidades vão crescendo mais e mais em cada ser humano.

O estudo da Antropologia é um estudo mágico, pois sua contribuição cultural é imensa. Suas veias de acesso ao saber, e ao conhecer os outros nos toca, nos chama atenção e o olhar para aquilo que está sendo abordado. Todo este formato de aprendizado do outro imperceptivelmente transforma as crianças, seu modo de pensar, refletir, aceitar, e até mesmo de abraçar muda. É um doar-se pelo outro, um ver as coisas com os olhos dos outros, este autoconhecimento mútuo causa nas crianças o fim do preconceito ao outro e uma consciência da realidade, trazendo também um colocar-se no lugar do outro. Como podemos ver nesta pequena colocação do artigo de Amanda Massucci Batista (2009), sobre a contribuição de algumas áreas da humanas para a Educação Infantil:

A contribuição da Antropologia é, a meu ver, uma das mais bonitas, pois é a contribuição das diferentes culturas. Ou seja, essa área do conhecimento não contribuiu apenas em nos dizer que há culturas diferentes e, portanto infâncias diferentes. Não nos disse apenas que é preciso perceber que existem outros modos de compreender a infância. Ela nos mostra outras infâncias, nos mostra outras culturas. Ela nos traz o outro. Assim nos aproxima da alteridade: tenta nos ensinar a ver as coisas com os olhos dos outro. Isto é, conhecer e se colocar no lugar do outro, para que possamos tomar consciência e nos livrarmos dos nossos preconceitos. (BATISTA, 2009, p.7).

Apreciasse da vida das crianças. Diversas vezes nos mostramos com um sentimento de inveja ao modo como elas levam a vida, inúmeras vezes presenciamos pessoas a murmurar que queria voltar à vida de criança, baseando-se em uma visão hipotética de que a nossa infância seria a parte mais fácil do ciclo da vida porque nele não existe algo a preocupar-se, a importar-se, a ter obrigações, responsabilidades, etc., mas mal sabemos que infância é o período onde inicializamos toda nossa essência de vida, onde aprendemos e observamos tudo e todos, onde aspiramos ao conhecer de vida, do mundo.

No entanto, o voltar a ser criança poderia se encaixar na possibilidade de uma nova chance, iniciar tudo novamente uma das primeiras fases do ciclo da vida, até na tentativa de correção de algo ou de algum ocorrido que aconteceu e foi indesejado. A iniciação a aprendizagem mundana é cotidiana, a todo o momento percebemos as crianças querendo saber o que é, e o porquê de tudo a nossa volta, aqui vejo que devemos ter um cuidado a mais, precisamos pensar bem em qual resposta devemos dar a elas, uma resposta fornecida errada e mal formulada pode estar ajudando a desconstruir o indivíduo, ou até mesmo direcionar para um caminho errôneo à sua índole.

Todo e qualquer tipo de aprendizagem infantil tem seu modo diferenciado. Esta forma de aprender pode ser de várias modelos, que nem sempre seguem um modo específico, mas, se delimitam a uma só característica que diz respeito ao ensinar e orientar cada criança. Normalmente o formato melhor de educar as crianças é pelo modo lúdico, através de brincadeiras que são educativas, tornando o aprendizado imperceptível à visão das crianças no propósito de não haver nenhuma forma de retração ao que lhes é imposto.

Percebemos nas crianças o anseio grandioso do falar, do prostrar, elas sentem uma necessidade enorme de sentir-se grande, sentir-se como “gente grande”. Boa parte da desenvoltura das crianças com as palavras vem de quando aguçamos conversas abertas com elas, isso lhes dá uma visão de como eles são importantes e os ajudam a desenvolver mais e mais a sua dialética.

A aprendizagem através do brincar conotasse uma visão controversa de que se consegue mesmo existir ou não, mas quando deixamos de olhar o superficial e olhamos por um lado mais profundo conseguimos visualizar o quanto é mais aproveitado deste modo de ensinar, como assim cita o autor Humberto R. Maturana em uma parte de seu livro “Amar e brincar”, que diz:

A propositividade e a intencionalidade são formas humanas de viver, nas quais se justifica o que é feito mencionando os resultados esperados. (...) a propositividade e a intencionalidade são sistemas de conversação

(entrelaçamentos do linguajar com o emocionar), nos quais refletimos sobre as consequências do nosso fazer. Desta maneira, geramos em nós mesmos uma dinâmica emocional que afasta continuamente nossa atenção daquilo que fazemos no momento em que fazemos, e a dirige para suas supostas consequências. Por isso não são os movimentos ou as operações realizadas que caracterizam um comportamento específico como brincadeira ou não, mas sim a atenção (orientação interna) sob a qual ele é vivido enquanto realiza. (MATURANA, 2004, p. 145).

Temos a atividade de brincar como algo sem sentido, que ela é apenas uma forma de diversão das crianças que ativam seu modo emocional deixando-as felizes, mas sem nenhuma visão proposital ou de intuito. Percebe-se muito bem que na maioria das vezes quando brincam as crianças mostram algum referencial aos adultos, as maneira e gestos de adultos que pra eles são importantes, é como se aquela brincadeira as tivesse preparando para a sua vida futura. Daí percebeu nisso tudo, o quão é importante às referências de alguns adultos são relevantes para eles, que fazemos parte de um mundo exterior que influência a índole de cada criança.

Em uma das frases do poema *Mar Português*, do livro *Mensagem* de Fernando Pessoa que é muito famosa, diz que devemos ter uma consideração e também dar uma valorização a alma, ela nos mostra bem e nos ajuda a entender a importância da alma do ser humano, a frase diz que *“Tudo vale a pena se a alma não é pequena”* (PESSOA, 1934, p. 11), mostrando o quanto é significativo e belo o modo da criança de viver e encarar o mundo, esta frase também nos dá uma visão de que o resto ao nosso redor não tem nenhuma importância, e sim o que é importante do ser humano é a alma, e a alma das crianças são umas das únicas almas que hoje em dia conseguem tocar nossos sentimentos nos emocionando.

A fundamentação deste projeto não se aplica basicamente no fator da alma da criança, mas a alma do infantil é um fator de extrema relevância e precisa ser valorizada. Segundo algumas teorias de alguns antropólogos, a alma está escondida no interior de cada ser e não conseguimos vê-la, ela está dentro do local mais profundo do ser humano, no nosso inconsciente, e só quando chegamos ao inconsciente que enxergar o verdadeiro eu de cada ser, dando o sentido que o que vemos no outro é apenas aparência. A cultura influencia muito na índole de cada pessoa, daí quando trazemos para a visão infantil percebemos que este culturalismo constitui na formação da criança, seu conceito bate bem em cima da criação, do modo que as crianças estão sendo moldadas a viver com suas crenças, costumes, visões e hábitos que são impostos pela sociedade onde vivem, e ajudando também a definir sua personalidade, que pode ser preconceituosa ou igualitária.

*“todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro*

*da sociedade*” (EDWARD B. apud RAYMUNDO, 2011, p. 492), este é o conceito de cultura definido por Tylor, que nos ajuda na visão geral que a sociedade influencia na cultura de um determinado local, e quando aprofundamos mais, e trazemos para a visão deste projeto a antropologia trabalhando com uma didática bem direta e objetiva na educação infantil, podemos ter resultado positivos.

Sendo assim, a antropologia com um olhar voltado para as desigualdades sociais pode ser inserida tanto na sociedade em que as crianças vivem, quanto no núcleo da educação infantil. Isso deve ser trabalhado por partes, e para um pontapé inicial devemos iniciar pela inserção na escola, e logo ao expandir-se a próxima área a ser infectada seria o meio onde a criança vive ou reside (sua casa), e por fim ao nosso foco principal, a sociedade, claro, que aqui se indica uma possível logística de como poderia ser o caminho trilhado neste trabalho.

A escola por si só já se torna falha na questão de não dar conta das questões da diversidade dentro dela mesma, logo a Antropologia entraria em questão para dar esse devido apoio. Auxiliando e agregando valores. Percebeu também que alguns fatores remetem, associam e relacionam o estudo da Antropologia junto ao da Educação. Muitos falam que a Antropologia é a ciência da alteridade, transportando para ela um papel de educador. No texto Antropologia, Diversidade e Educação afirmam a possibilidade da diversidade de debates, podendo existir ou não conflitos, mas explica de forma bem prática que:

Se o humanismo é um valor, é também uma ideologia que pode mascarar o nosso próprio fazer. Daí ser lamentável que o professor imagine que ao negro se deva ensinar a dançar, tocar tambor porque seria “próprio” de sua cultura; lamentável é a criança negra querer partilhar com seu grupo uma dança portuguesa e o professor negar porque acredita que não há portugueses negros, ou ainda, o professor que, diante do pesquisador, diz que em sua classe não há negros, apesar da evidente realidade que o contradiz, por imaginar que assim vê a todos como iguais e que não é racista. Isso exige nos colocarmos em postura de alerta constante e questionarmos permanentemente nossa prática e nossas atitudes no tratamento que damos à realidade. Nesse sentido, cabe pensar a educação e a escola como espaço de tensão e de conflito, de cultura e de alteridade. (GUSMÃO, 2011, p. 36-37).

No texto que se faz referência acima, sua autora comenta sobre o processo da Educação e da aprendizagem, que separa a vida da criança (tempo e/ou espaço fora, ou antes, da escola) do espaço da escola (período da Educação Infantil até a Universidade). Onde se viu que no século XXI existe o desafio da construção de uma comunhão entre o ensino e da aprendizagem em prol de constituir uma sociedade de aprendizagem. A autora reafirma em uma entrevista feita ao Caderno de Campo, que *“A razão é que a educação não é objeto privilegiado da Antropologia, mas é o desafio para a Antropologia como ciência, no presente século.”*

No intuito de chegar ao nosso propósito, o antropólogo deve ir a campo, a fim de pesquisar o “fato social total” que não é nada mais do que entender o passado, o presente e o futuro que existe na área que vai ser estudada. Ao levantar dados específicos desta área delimitada deve-se fazer uma avaliação minuciosa de como podemos implantar nosso sistema de melhoramento e engrandecimento pessoal causado pela conturbação que as desigualdades trazem. No livro da Etnologia da prática escolar a autora Marly traçando a história da educação, acha que os problemas encontrados só poderão ser ultrapassados no esquema de análise da interação, que são abordados na antropologia, dizendo:

(...) a investigação de sala de aula ocorrem sempre num contexto permeado por uma multiplicidade de sentidos que, por sua vez, fazem parte de um universo cultural que deve ser estudado pelo pesquisador. Através basicamente da observação participante ele vai procurar entender essa cultura, usando para isso uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias, gravações. O que busca, sim, é descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis, com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade. (ANDRÉ, 2005, p. 37-38).

A Etnografia seria um modo de pensar instruído pela Antropologia, e não apenas uma técnica de coleta de dados, é isso que a autora Claudia Fonseca se faz entender dentro do trabalho de Pesquisa Etnográfica e Educação, que relata alguns exemplos de universitários e antropólogos que dizem ter feito Etnografia em seus trabalhos, sendo que isso não foi o ocorrido, ali só se via meras técnicas, práticas superficiais. O principal modelo de pesquisa qualitativa é a pesquisa Etnográfica. Poucos sabem disso, já por conta da Etnografia ter um tipo de valorização a mais dentro das áreas de pesquisas, às vezes até, elas chegam ao olhar de desvinculadas, a pesquisa qualitativa e a Etnografia.

No artigo de Márcia Buss-Simão, outra referencia deste projeto, trata de uma revisão de literatura. Relata sobre a presença e a ausência das crianças nos estudos antropológicos. Observa-se que as crianças transformam Antropologia desde seus primórdios até os dias de hoje, percebe-se também que elas só foram inseridas em alguns trabalhos e, raramente caracterizam-se na categoria central na condução das investigações e análises. Historicamente no campo da Antropologia, a criança foi vista de forma preconceituosa, ela não era considerada como um fator importante e nem relevante para ser pesquisado, isto às tirou da visão das abordagens antropológicas clássicas da escola de cultura, da personalidade e dos estudos, bem como os estudos sobre a cognição, de raciocínio e a aquisição da linguagem, enfim, dos estudos da Antropologia Indígena e da corporalidade. O estudo sobre as crianças só tiveram relevância de uns tempos pra cá, mas mesmo assim ainda continuam

desvalorizadas, pois não são abordadas com tema principal, assim como diz Márcia nesta parte de seu artigo:

As crianças na Antropologia, desde as abordagens clássicas até muito recentemente, só foram incluídas em alguns trabalhos e, raramente como categoria central na condução das investigações e análises. Historicamente, no campo da Antropologia, as crianças foram marginalizadas, não sendo consideradas como um tema importante e nem relevante para se realizar pesquisas e análises. (BUSS-SIMÃO, p. 1).

Mas, mais a frente neste mesmo artigo ela mostra o quanto se foi e ainda é perdido quando não damos a real importância ao modo antropológico infantil, Márcia abre os olhos do leitor para entender que a criança consegue ver a diversidade das culturas do seu jeito original, diferente dos adultos que já olham esta diversidade pelo seu próprio ponto de vista, veja a seguir:

(...) as crianças atribuem um status ao indivíduo pelo espaço que ocupa no ritual, enquanto os adultos fazem o contrário, atribuem o significado do espaço à pessoa que o ocupa. Assim, tornar-se adulto implica não apenas acumular conhecimentos, mas negar o que se sabia em um período anterior. (...) as crianças vai permitir compreender mais e melhor as culturas, pois o ponto de vista que se tem hoje das culturas é o ponto de vista dos adultos. (...) a criança é mais capaz de compreender as culturas, sendo que os adultos já as ‘naturalizaram’, (...) os adultos já ‘naturalizaram’ as relações entre os espaços e os poderes, e as crianças veem essas relações de um outro modo, descortinando valores e relações já consolidadas, ou seja, tornando-as mais ‘transparentes’, pois elas explicitam o que os adultos também sabem mas não expressam. (BUSS-SIMÃO, p. 6).

É esse o ponto principal que este projeto pretende chegar, a construção de uma análise que ajude na conscientização de cada um de seus leitores. Ele quer transportar que a antropologia deve e pode ser um caminho para ser estudado, e que a desigualdade racial do mundo é um problema que pode ser solucionado através da antropologia, através da antropologia infantil.

A antropologia empírica deve processar os resultados das ciências relevantes ao processo pedagógico, nos seus diversos níveis (como a biologia, a psicologia, a sociologia, a história etc.), a partir do ponto de vista da importância desses saberes para a compreensão dos determinantes dos fenômenos educacionais. As ciências da educação podem ser condensadas em um repositório para o saber, daí que, além do processamento dos resultados científicos particulares, se exija uma análise conceitual das proposições empírico-pedagógicas e das conclusões educativas obtidas a partir de tal condensamento. (MARTINS; MORAIS, 2001, p. 85).

## 7 METODOLOGIA

Todos os procedimentos metodológicos constituem-se na fase final de apresentação deste projeto de pesquisa. Aqui se procura esquematizar toda a logística de como será aplicado o projeto, e demonstra também como o problema será abordado empiricamente. De acordo com este procedimento metodológico, as atividades serão desenvolvidas com a finalidade de buscar informações reais e concretas de como se encontra a temática da diversidade e da identidade dentro daquele âmbito escolar.

Segundo Claudia Fonseca, em uma de suas publicações, que é de forma evidente que cada aluno tem sua personalidade e suas dificuldades, e isso os diferencia dos demais. Mas também não esquece que as pessoas/profissionais procuram enriquecer e intervir a educação através da antropologia, pelo seu método etnográfico. Ela chegou até a separar a metodologia etnográfica em cinco etapas:

- Estranhamento (onde se inicia tudo, procura-se detalhar o local e o que está ocorrendo);
- Esquematização (já faz parte da segunda parte do projeto onde se procura estabelecer métodos para facilitar o entendimento sobre o assunto, como a junção de dados etnográficos, estatísticos, históricos, etc.);
- Desconstrução (a fase da tentativa de relacionar os acontecidos com o que acontece);
- Comparação (procura relações, pesquisam em outras partes do mundo e comparam com o que está sendo pesquisado) e
- Sistematização do material em modelos alternativos (aqui o pesquisador tem todo o trabalho de juntar pedaços e entender determinada lógica).

Não se tem a certeza de que irá ser preciso usar todo este esquema montado pela autora, mas ele a qualquer momento servirá como exemplo de outros possíveis sistemas, alternativos até, que podem vir a inspirar os trabalhadores sociais e educadores. Uma entrevista investigativa pode ser uma via de acesso para sabermos as opiniões destes alunos, só deve ter o cuidado de construir essa entrevista ao modo que se encaixe dentro do entendimento e nível de cada um deles, esta seria uma adequação precisa, e não menos importante.

Aqui podemos dividir em duas partes nossa análise empírica. A primeira parte será a de conduzir o projeto em um viés de coleta de informações, procurando coletar o máximo de informações aplicando brincadeiras metodológicas, a fim de que o objeto de estudo não sentir-se incomodado com o pesquisador, e sim que eles se sintam relaxados para todo o processo fluir da forma mais natural possível. A segunda parte viria de toda a análise feita, todas as informações organizadas se juntando e possibilitando a melhor maneira de construir

uma aprendizagem para o espaço estudado. Após isso tudo ver a melhor maneira e o melhor método à serem aplicados para gerir as práticas de melhoramento destas crianças.

Na matéria publicada na Revista de Antropologia, pela autora Flávia Pires, ela descreve e relata que toda pesquisa não deve se restringir, nem ter papel específico, ela vai além de qualquer um destes modelos.

(...) materiais de pesquisa não convencionais na tradição de estudos antropológicos, a saber, desenhos, redações, filmagem, diários, fotografias, cartas, entrevistas com crianças, programas de rádio. Apesar de não serem inéditas, as técnicas de pesquisa trabalhadas com base nesses materiais foram pouco utilizadas na pesquisa antropológica. Embora tenha sido largamente utilizada, a metodologia de pesquisa não se restringiu à observação participante. (REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2007, V. 50 N° 1, p. 3).

No entanto a metodologia deste Projeto de Pesquisa será desenvolvida através de procedimentos essenciais em quaisquer trabalhos antropológicos. Este formato, baseado na alteridade existente dentro da antropologia irá contribuir exacerbadamente com o que este projeto quer trabalhar e construir.

O aplicador deste projeto irá a campo exercer atividades de característica empírica, também se condicionará em aplicar e realizar este trabalho em etapas bem distintas e específicas. Usar todo e todas as possibilidades que uma criança pode propiciar foi o que se percebeu do método aplicado pela autora PIRES, onde seria então o que mais se aproxima da realidade deste projeto, pois seu formato não é tão complexo e nem requer muita concepções e aprimoramentos para conduzir esta pesquisa, até porque as atividades sugeridas pela autora são as mesmas que já estão incluídas no hábito do cotidiano de cada uma delas.

Produzir e criar desenhos, redações, filmagens, diários, fotografias, cartas, etc., todas estas são atividades inclusivas que podemos encontrar dentro das brincadeiras das crianças e no seu aprendizado também. Claro que todas estas atividades seriam indicadas da melhor maneira para estas crianças, aqui não se aplicaria nenhum modelo exaustivo de atividades, e sim a tentativa de viabilizar da forma mais confortável possível a fim de absorver todas as informações que estas crianças podem transmitir.

Continuando a leitura da Revista Antropológica a autora constata um fator de grande relevância que era a condição dela, a situação de uma adulta pesquisando crianças. A população da região estudada pela autora separa restritamente o espaço da criança do espaço do adulto, isso ocasionando um distanciamento dentre eles, podemos dizer que chegam distingui-los como dois mundos diferentes. Lá eram estipulados vários regimes de condutas culturais entre crianças e adultos, como: criança não pode se meter em conversa de adulto,

escutar conversa de adulto, etc. Ao perceber tão situação imediatamente percebeu que isso poderia atrapalhar sua pesquisa, logo procurou dar mais ainda relevância a este fato, enfatizando ao olhar das crianças que a presença da autora, na sua condição de adulta, não iria intervir dentro do espaço delas, dentro do mundo delas, ela tentou de forma bem simples e humilde demonstrar que ela, ali, queria ser mais um integrante daquele grupo. E isso rapidamente distanciou a autora dos costumes agregados nas crianças daquela localidade, para que sua pesquisa conseguisse seguir.

Uma adulta que interage com elas, seja brincando, seja conversando, seja discutindo. Como já foi enfatizado, em Catingueira, o estatuto das crianças e o dos adultos são tidos como inteiramente distintos. Os adultos não interagem demasiadamente com as crianças. As crianças não escutam conversa de adulto, não participam em ambientes de adultos. Seria considerado desrespeitoso se uma criança ousasse discutir a opinião de seus pais ou responsáveis. Parece que as crianças e os adultos, em grande medida, são vistos como ontologicamente diferentes, habitantes de mundos que não devem correr o risco de se misturar. Acredita-se que criança que convive excessivamente com adultos aprende o que não deve. De outro lado, um adulto que interage demasiadamente com as crianças só é tolerado em situações já previstas, como, por exemplo, na escola, no consultório médico ou no cuidado infantil cotidiano que as meninas mais velhas dispensam às crianças. Todavia, para a realização da pesquisa, era preciso ir contra esse modo de interação local entre crianças e adultos. Precisava me aproximar das crianças, a fim de trocar experiências de vida. Precisava ouvir as crianças, suas opiniões sobre o mundo, sobre religião, sobre os fatos do cotidiano. (REVISTA DE ANTROPOLOGIA, SÃO PAULO, USP, 2007, V. 50 N° 1, p. 10).

Está observação que a PIRES teve demonstra especificamente todo o cuidado que devemos ter ao entrar em um espaço não nosso, este, se encaixa em um conselho para a nossa vida humana, mas especificamente olhando para uma pesquisa esse seria um dos cuidados que todos os pesquisadores devem ter. A autora foi rápida ao perceber este eixo cultural no espaço de sua pesquisa, ela cumpriu assiduamente a sua tarefa de observadora. Este relato mostra que toda atenção é pouca quando se entra em um espaço de pesquisa, e que qualquer detalhe por menor que pareça, pode ser de extrema relevância para a construção da análise da pesquisa.

Por tanto sugiro organizar as atividades deste formato. Primeiramente, seria toda uma observação cotidiana dos alunos, de gestos, de debates, de opiniões, possivelmente em definições subjetivas de desenhos, redações, filmagens, diários, fotografias, cartas, questionários e até mesmo das atitudes cotidianas que cada um deles tem. Esta etapa dará subsídio para a realização desta pesquisa, pois visitas a área de estudo e esta observação participativa da toda uma valorização, ajudando na elaboração e no manuseio dos instrumentos que podem ser utilizados. Depois entraria todo o trabalho de tabulação de dados,

um agrupamento de tudo que foi observado na primeira etapa, ocasionando em um levantamento de dados teóricos, que podem ser aplicados e selecionados de forma quantitativa ou qualitativa. Posteriormente poderíamos trazer toda uma sistematização dos dados, uma análise e seleção dos dados coletados formando e gerando um relatório informativo construído e elaborado na visão de um acadêmico em Humanidades. Neste relatório o leitor também poderá encontrar todos os possíveis pontos fortes e fracos encontrados dentro da aplicação deste projeto. E assim poderia conseguir finalizá-lo traçando possíveis metas e/ou passos a serem seguidos no intuito de instruir e educar estas crianças.

Em resumo, aqui se fará um estudo de caso descritivo, de abordagem qualitativa. Como público alvo, em específico, sugiro a escola onde o autor deste projeto estudou sua vida inteira, a Escola de Ensino Fundamental e Médio Eunice Weaver, localizada na CE 085, no bairro do Pau Serrado na cidade de Maranguape, Ceará. Para a aplicação deste projeto será necessário à emissão de dois documentos imprescindíveis que ajudam sua validação:

- Termo de Anuência: O Termo de anuência é um documento que a escola emite, assinado pelos seus diretores, dando a permissão e autorização a este estudo. O referido documento da ao seu detentor a autorização de aplicar seu projeto de pesquisa dentro da escola. O diretor atesta sua condição de anuir, de consentir, de aprovar o projeto que ira ser aplicado. Ele é usado na existência de uma criança ou pessoa incapaz da compreensão da atividade que ali irá se realizar. O documento é emitido em duas vias, uma para o pesquisado (seu responsável) e outra para o pesquisador. Todas as páginas devem ser rubricadas e numeradas. (Anexo B)
- Termo de Assentimento: O Termo de Assentimento é um documento elaborado em linguagem acessível para pessoas de menor idade ou para os legalmente incapazes. Neste, os seus responsáveis explicitarão sua anuência da participação do seu protegido na pesquisa, sem o prejuízo do consentimento de seus responsáveis legais. Este Termo deve obedecer aos princípios da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e também respeitando todos os aspectos e normas éticas contidas e estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). (Anexo C)

No entanto, esta análise informativa poderá demonstrar a real importância e o formato que a Antropologia poderia contribuir ou não pedagogicamente para estes. Tudo isso sendo desenvolvido com um rigoroso cuidado que se é preciso, usando cautelosamente a técnica da observação participante, e assim finalizando em um registro descritivo cultural e material do ambiente.

## 8 CRONOGRAMA

## 8.1 CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES DO PROJETO

2017								
ATIVIDADES		Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
1ª PARTE	- Construção e aprovação do projeto a ser aplicado.	X	X	X				
	- Formulação e criação do Questionário da Identidade Racial Infantil.			X				
	- Ir a campo iniciar e desenvolver o trabalho construído.				X			
	- Aplicar o Questionário da Identidade Racial Infantil.				X			
	- Ir a campo de forma empírica colher as devidas informações e observações estabelecidas.				X			
2ª PARTE	- Organizar, classificar, tabular os dados e informações coletadas.				X	X		
	- Gerar relatórios demonstrativos, educativos e informativos sobre os diferentes tipos de identidades raciais existentes no campo estudado.				X	X		
3ª PARTE	- Construção de um relatório final se posicionando dentro da análise criada, demonstrando e verificando possíveis pontos fortes e fracos.					X	X	
	- Finalizar as atividades concluindo com as Considerações Finais de tudo							X

	que aconteceu durante a aplicação deste projeto.							
--	--	--	--	--	--	--	--	--

## 9 REFERÊNCIAS

ANDRE, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 14. ed. São Paulo: Papirus, 2005. 128 p. (Série Prática Pedagógica)

\_\_\_\_\_. Antropologia e/da Educação no Brasil: entrevista com Neusa Gusmão. **Cadernos de Campo**, v. 22, n. 22, p. 147-160, 2013.

BATISTA, Amanda Massucci. **Artigo elaborado para a disciplina Fundamentos da Educação Infantil**, do curso de Pedagogia – CED, UFSC. Orientado pela professora Roselane Fátima Campos. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/1980-4512.2009n19p1/10373>>. Acesso em: 25 jul. 2014.

BUSS-SIMÃO, Márcia. **Artigo sobre a Antropologia da criança: uma revisão da literatura de um campo em construção**. Disponível em: <[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CBwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.proped.pro.br%2Findex.php%2Frevistateias%2Farticle%2Fdownload%2F441%2F384&ei=4kfZU5KuHLfMsQTLvoDYCw&usg=AFQjCNEdN3-\\_KTjMkH2\\_Yjfzhv\\_HL5sG6Q&bvm=bv.71778758,d.cWc](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CBwQFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.proped.pro.br%2Findex.php%2Frevistateias%2Farticle%2Fdownload%2F441%2F384&ei=4kfZU5KuHLfMsQTLvoDYCw&usg=AFQjCNEdN3-_KTjMkH2_Yjfzhv_HL5sG6Q&bvm=bv.71778758,d.cWc)>. Acesso em: 26 jul. 2014.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161-179, mai/ago. 2005. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1267>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

ENCRONTO DE EDUCAÇÃO DO OESTE PAULISTA, 3., 2001, São Paulo (Marília). **Antropologia e educação...** Breve nota acerca de uma relação necessária. Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista-UNESP (Marília): Educação em revista, 2005. p. 83-94. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/600/483>>. Acesso em: 24 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n.10, p.58-78, jan/fev/mar/abr 1999. Disponível em: Acesso: em: 15 jul. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUSMÃO, N. M. M.. **Antropologia, Diversidade e Educação: um campo de possibilidades**. Ponto-e-vírgula (PUCSP), v. 10, p. 32-45, 2011.

LOPES, Helena Theodoro. Educação e Identidade. **Cadernos de Pesquisa**, 63, p. 38-40, nov. 1987. Disponível em <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1267>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

MATURANA, Humberto R., 1928. **Amar e brincar**: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia / Humberto R. Maturana, Gerda Verden-Zöller ; tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. 3. ed. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MACHADO, Anna Rachel (Coord.); LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lília Santos. **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PEREIRA, João Batista Borges. **A criança negra**: identidade étnica e socialização. Cadernos de Pesquisa, 63, p. 41-45, 1987. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1268>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Ed. Parceria António Maria Pereira. Lisboa, 1934, 18 p. Disponível em: <<http://media.livroseafins.com/2011/07/mensagem-de-fernando-pessoa.pdf>>. Acesso em: 1 ago. 2014.

PINTO, Regina Pahim. **Movimento Negro E Educação Do Negro**: a ênfase na identidade. Cadernos de Pesquisas, São Paulo, n. 86, p. 25-38, ago. 1993. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/936>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

PIRES, Flávia. **Ser adulta e pesquisar crianças**: explorando possibilidades metodológicas na pesquisa antropológica. Rev. Antropol. [online]. 2007, vol.50, n.1, pp.225-270. ISSN 0034-7701.

RAYMUNDO, M. M. (2011). **Uma aproximação entre bioética e interculturalidade em saúde a partir da diversidade**. Revista HCPA, 491-496. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/hcpa/article/viewFile/24281/14971>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Trabalhos de pesquisa**: diários de leitura para a revisão bibliográfica. São Paulo: Parábola, 2007.

## 10 APÊNDICES E ANEXOS

### 10.1 Anexo A

#### QUESTIONÁRIO DA IDENTIDADE RACIAL INFANTIL

NOME: \_\_\_\_\_

IDADE: \_\_\_\_\_

SÉRIE: \_\_\_\_\_

1) Com que cor/raça você se titula ou se identifica?

\_\_\_\_\_

2) Qual é a cor/raça que você titula ou identifica sua mãe?

\_\_\_\_\_

3) Qual é a cor/raça que você titula ou identifica seu pai?

\_\_\_\_\_

4) Cite algumas características suas que o fez chegar à conclusão sobre sua cor/raça?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5) Qual cor/raça que você mais admira? Por quê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

6) Você gostaria de ter outra cor/raça? Justifique.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

7) Qual cor/raça você julga ser mais discriminada? Justifique.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

8) Você já sofreu algum tipo discriminação? Se sim, qual?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

9) Deixe aqui uma mensagem para pessoas que gostam de discriminar outras.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## 10.2 Anexo B

## TERMO DE ANUÊNCIA (Modelo sugerido)

A (Nome da Instituição de Ensino) está de acordo com a execução do projeto \_\_\_\_\_ (Título do projeto), coordenado pelo pesquisador \_\_\_\_\_ (Nome do Pesquisador Responsável), desenvolvido em conjunto com o (a) \_\_\_\_\_ (Nome do discente) do (a) \_\_\_\_\_ (Nome da Instituição de ensino ou pesquisa), e assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa nesta Instituição durante a realização da mesma.

Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Acarape, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Nome do responsável institucional ou setorial

Cargo do Responsável pelo consentimento

Carimbo com identificação ou CNPJ

Observação: A pesquisa desenvolvida em local (is) específico (s) é imprescindível o envio do TERMO DE ANUÊNCIA, de preferência em papel timbrado. O TERMO deve estar assinado e carimbado com identificação do responsável pela autorização. Caso o local não disponha de papel timbrado, o TERMO deverá está assinado e carimbado com identificação do responsável e com o carimbo do CNPJ.

## 10.3 Anexo C

## CERTIFICADO DE ASSENTIMENTO (Modelo sugerido)

Eu \_\_\_\_\_ entendi que a pesquisa é sobre \_\_\_\_\_. (descrever resumidamente objetivos e procedimentos a serem realizados).

Nome e/ou assinatura da criança/adolescente:

\_\_\_\_\_.

Nome e assinatura dos pais/responsáveis:

\_\_\_\_\_.

Nome e assinatura do pesquisador responsável por obter o consentimento:

\_\_\_\_\_.

Acarape, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de \_\_\_\_.

